

O JORNALISMO ESPORTIVO SOB O IMPÉRIO DOS CLICHÊS

Fabício Marques

Resumo:

Os lugares comuns presentes na narrativa jornalística, em especial naquelas da crônica esportiva, seriam um esvaziamento da linguagem, da capacidade de significar, ou refletiriam um momento histórico e, enquanto tal, estariam carregados de sentido? É essa problemática que o texto busca elucidar a partir de autores como Barthes, Saussure e Jakobson, entre outros.

Palavras-chaves: clichê, chavões, jornalismo esportivo

Jornalista, professor dos cursos de Comunicação Social da Fumec e Uni-BH; doutor em Literatura Comparada pela FALE/UFMG

Preocupado com o sistemático uso de lugares-comuns em escala sem precedentes no jornalismo impresso do país, em 1997 criei uma narrativa que representava, ela mesma (ou seja, a própria forma em que a narração é construída), as armadilhas impostas aos produtores de texto quando colocados contra o relógio para entregar a matéria do dia. Essa narrativa será reproduzida aqui, como ponto de partida (e de chegada) para sustentar o argumento de que a linguagem jornalística no Brasil chegou ao paroxismo quanto ao uso de clichês, nos últimos anos, e um dos redutos em que essa prática mais ocorre é justamente nas editoriais de esporte. Vamos, então, ao texto:

“A linguagem cotidiana concede espaço praticamente só para o que é previsível e o banal, enchendo desse modo o repertório de clichês e lugares-comuns. Preocupados com esse fenômeno de vulgarização da linguagem oral e escrita, profissionais que têm na palavra o seu instrumento de trabalho se reuniram para discutir o problema. Eram lingüistas, professores, semióticos, jornalistas, enfim, pessoas capazes de, no meio do uso reiterado de clichês e frases-feitas, discutir as possíveis saídas para a crise. Deram ao encontro o nome de Congresso Mundial do Lugar-Comum, que seria um espaço multidisciplinar e pós-moderno, destinado a repensar todos os ângulos da questão, em busca de uma luz no fim do túnel.

O leque de opções era muito variado. Por via das dúvidas, um semiótico debruçou-se sobre os escritos de outro semiótico, e, sem nenhum motivo aparente, ambos acabaram excluídos da discussão. Um professor aposentado foi nomeado presidente do congresso, e iniciou seu discurso colocando algumas questões. Apesar de aposentado, era ágil, e falava como se tivesse uma idéia na cabeça e uma câmera na mão. Mas as aparências enganam e, enfadados, todos os presentes, para quebrar a rotina, se dirigiram para um outro local.

Diante desse quadro conflitante, e após horas e horas de conversas regadas a champanhe e caviar, um grupo de estudos decidiu, em última análise, e porque ninguém sabe o dia de amanhã, punir severamente qualquer um que utilizasse, num mesmo texto, as seguintes palavras ou expressões: *globalização*, *neoliberal*, *parceria* e *falta de vontade política*. E se essas palavras estivessem juntas, numa só frase, o autor da “peça” seria extraditado para a Sibéria mais próxima.

O grupo de estudos era uma ilha cercada de curiosos por todos os lados. Como se não bastasse, a vida imita a arte e o sonho pode virar pesadelo, o que deixou a todos apreensivos. Some-se a isso o fato de que gato escaldado tem medo de água fria, mais vale um pássaro na mão do que dois voando, e teremos os ingredientes básicos para o fu-

turo incerto da linguagem escrita como meio de expressão criativo, o que se encaixa como uma luva no mundo em que vivemos.

Um linguísta estava numa encruzilhada: não sabia se media sacrifícios ou poupava benefícios. Sua indecisão era uma pedra no sapato, todos fugiam dele como o diabo foge da cruz. Mas como as paredes têm ouvidos, ninguém se dispôs a falar nisso abertamente. Líquido e certo era que a linguagem precisava ser renovada, tornando-se dinâmica e criativa.

Premido pelas circunstâncias e correndo atrás do prejuízo, um empresário (“sempre que ouço a palavra cultura, saco meu talão de cheques”) de sucesso soltou uma frase capaz de agradar a gregos e troianos. Ele dizia que falar inglês, hoje, é um passaporte obrigatório para ingressar no mercado de trabalho. Sugeriu, então, que a língua inglesa fosse adotada e, progressivamente, que se eliminassem todas as outras línguas. Teríamos, assim, um idioma universal para facilitar a comunicação entre os seres humanos, esses incomunicáveis.

Isolado num canto, um jornalista anotava as palavras do presidente do congresso, que discursava em alto e bom som. Ao fim e ao cabo, muito pouco ou quase nada tinha sido decidido, mas uma comissão tinha sido criada, para avaliar as conseqüências do encontro e, dessa comissão, saíam dezenas de subcomissões, destinadas a outras tarefas, que não cabe aqui enumerar. Enquanto isso, o presidente terminava o discurso, dizendo suas últimas palavras, e o jornalista escrevia: “a linguagem, como o futebol, é uma caixinha de surpresas”, finalizou.” (Marques, 1997).

Aí está, sem disfarces, a caricatura a que se chegou quando o assunto é informar com um mínimo de criatividade, e os leitores é que sempre saem perdendo (considero leitor também o próprio produtor do texto que, no caso, é sempre o primeiro leitor do texto que produz). Paira, aqui, a sombra do *Dicionário das idéias-feitas*, que aparece no fim do romance *Bouvard e Pécuchet*, do escritor francês Gustave Flaubert.

Pense num gol genial. A linguagem escrita deveria ser como esse gol. No entanto, a linguagem utilizada pelos jornalistas esportivos é justamente aquela que, no campo do futebol, eles combatem – um jogo inosso, um 0 a 0 sem um lance qualquer de emoção.

Essa questão, da banalização da linguagem, está também no centro de *A sociedade dos chavões – presença e função do lugar-comum na comunicação*, de Cláudio Tognoli (2001). O que está em jogo, para Tognoli, pode ser resumido no ponto de vista de Steiner: o fato de que o escritor de hoje tende a usar muito menos palavras, e muito mais simples, “tanto porque a cultura de massa diluiu o conceito de instrução

como porque diminuiu extraordinariamente o conjunto de realidades das quais as palavras podem dar conta de modo necessário e suficiente” (*apud* Tognoli, 2001: 16).

A situação, portanto, não é exclusiva do jornalismo esportivo. Até porque, como assinala Tognoli,

quando falamos em lugares-comuns, logo nos vem à mente a condição intrínseca de um nível de fala universalmente popular: vastas operações, enfim, de simplificação, ricas pelo folclore, pobres pela dessimbolização, triviais pelo uso e desgastadas pela repetição sistemática. Mas o lugar-comum há muito deixou de ser sinônimo de trivialidade, de prosaísmo. Ele habita e vem habitando as mais altas esferas do idioma. Passeia sem maiores problemas entre as conversas que vão dos botequins às claques de intelectuais. O charvão se reproduz em todos os grupos, níveis da fala, diferentes esferas sociais e categorias profissionais (Tognoli, 2001: 19).

Tudo se passa sem que a palavra passe pelo processo de pensamento, isto é, a simbolização (p. 40). Nessa perspectiva, “os redatores fazem uso das mesmas imagens para descrever as mesmas situações, apoiando-se nas mesmas figuras de linguagem” (p. 67).

Lorenzer divide a linguagem em clichês, símbolos e signos. Em resumo: pelo clichê, o indivíduo se afasta da interação social desejável graças ao emprego de palavras-chave, que ele usa sem pensar no que significam, e que ele recebe e repassa como uma moeda de mercado. A escassez de pensamento caracteriza o clichê.

Na outra ponta desse sistema crítico, refere Lorenzer, temos o que ele chama de significação – um conceito distinto daquele que encontramos em Saussure. Diferentemente do que ocorre com o clichê, a verborragia caracteriza o signo (no sentido de Lorenzer). Se o que marca o clichê é a escassez do significado, o que marca o signo é o afastamento dos fatos pelo excesso de palavras. (Lorenzer *apud* Tognoli, p.29)

As duas formas fixas de comunicação, sejam signos ou clichês, contribuem para dar curso “ao empobrecimento da rede de significados”, com o fim da “decantação sistematizada de indicações de ação” (p. 53).

Temos a clichetização da linguagem do dia-a-dia e os clichês sendo usados como mais-valia na sociedade de prestação de serviços (p.55)¹. Há toda uma condição histórica, hoje, para que a mais-valia da linguagem seja a legitimação estética da sociedade pós-industrial, completamente regida por códigos e palavras-chave (180).

Contudo – e essa é uma ressalva que Tognoli faz questão de marcar – os chavões fazem parte da própria linguagem da imprensa e do próprio falar, “e extirpá-los seria ceifar o próprio idioma, a própria cultura”. Sem o lugar-comum não há como se operar os níveis da fala. Não se pode propor sua eliminação no mundo atual, um mundo em que cada vez mais a rapidez e a eficiência são valores que substituem a reflexão. A crítica do ensaísta é dirigida para o uso abusivo dessas formas. O que se quer enfatizar não é o “uso exaustivo dos chavões, mas sua apropriação pelo sistema de produção industrial na grande imprensa” (p. 121).

Até porque, como observa Roland Barthes, “a contestação do lugar-comum torna-se facilmente um novo lugar-comum” (*apud* Tognoli, p. 213). E não se trata de combater os lugares-comuns. Longe disso. Lugar-comum é sinônimo de espírito de época. Como lembra Tognoli, Paulo Rónai sustentava que um lugar-comum dos mais frequentes é o desprezo absoluto pelo lugar-comum (p. 43).

Já tenho todos os clichês à disposição: o time “que tem a obrigação de vencer”, o jogador que “espera fazer uma boa partida”... Nada mais natural, portanto, do que re-afirmar que “o espírito de época da sociedade contemporânea é o clichê”.

Um bom exercício para confirmar esse estado de coisas é abrir ao acaso alguns desses jornais diários do país e ir direto à fonte, à editoria de esportes. Por exemplo: “Botafogo busca vitória para deixar lanterna” é o título para o seguinte lide: “Para se livrar da incômoda última colocação do Campeonato Brasileiro, com um ponto em três jogos, o Botafogo só pensa em vencer o Criciúma hoje, às 16h, no Estádio Heriberto Hülse, em Criciúma”.

Ou, no mesmo periódico, o *Jornal do Brasil*, um outro trecho: “A situação de Edmundo no Fluminense ficou praticamente insustentável. Depois de ter sido substituído na partida contra o São Paulo, na última quarta-feira, o atacante disparou contra o técnico Ricardo Gomes e mandou um recado de que não continua no clube enquanto o treinador estiver à frente da equipe”.

A repórter Valeska Silva escreve: “O torcedor que foi ontem ao Independência não merecia tanto sofrimento. Além de pagar R\$ 15 e perder boa parte do feriado, teve de “engolir” um Atlético sem criatividade, inoperante e que em quase nada incomodou a Ponte Preta, que não teve dificuldades em vencer por 2 a 1”.

Alexandre Simões inicia assim seu relato de uma partida de futebol, logo abaixo do título (“Jejum do Galo continua”): “O Atlético decepcionou mais uma vez sua fiel torcida, ao ser derrotado pela

Ponte Preta por 2 a 1 (...) e chegou à quarta rodada do Brasileiro em jejum de vitórias”.

Em outro jornal, o título informa, em aliteração involuntária: “Desfalcado, Santos pega Cruzeiro para apagar pessimismo”. Maurício Eirós anota: “O técnico Emerson Leão não poderá contar com cinco jogadores para a partida diante do Cruzeiro, às 16h, na Vila Belmiro. “Dentro do pessimismo, precisamos reverter o quadro”, disse Leão, ao se referir à partida e aos problemas que enfrenta.”

Finalmente, Fábio Hecico e Marcos Rogério Gomes divulgam, na abertura do texto “É clássico para derrubar técnico”: “Hoje é dia de grandes emoções no Morumbi. Os arqui-rivais Corinthians e Palmeiras fazem o clássico paulista da rodada do Campeonato Brasileiro”.

Disse, um pouco antes, que este é um exercício ao acaso. Nada mais evidente: basta abrir qualquer jornal, de qualquer dia, e eles – os lugares-comuns – estarão lá, prontos para, antes de serem devorados, devorar. Somos devorados pelos clichês.

Umberto Eco, em outro registro, já havia abordado essa questão, num texto propriamente denominado *A falação esportiva*. Eco trabalha com terminologia jakobsoniana³. Para o estudioso italiano, o esporte é “a aberração máxima do discurso fático”, e portanto, “a negação de todo discurso, e por isso o princípio e desumanização do homem, ou a invenção ‘humanista’ de uma idéia do Homem mistificadora desde o início” (Eco, 1984: 221). Nessa perspectiva, existe apenas a “falação sobre a falação do esporte: a falação sobre a falação da imprensa esportiva representa um jogo com todas as suas regras” (Eco, 1984: 224).

a falação é o modo cotidiano pelo qual nós somos falados pela linguagem preexistente em vez de amoldá-la para fins de compreensão e descoberta. É um comportamento normal. E estamos aqui naquela função de linguagem que para Jakobson é a função “fática” ou de contato. Ao telefone (respondendo “sim, não, claro, está bem...”) e na rua (perguntando “como vai?...”) fazemos discursos fáticos indispensáveis para manter uma ligação constante entre os falantes; mas os discursos fáticos são indispensáveis justamente porque mantêm em exercício a possibilidade de comunicação, para fins de outras e mais substanciais comunicações; se essa função se hipertrofia, temos um contato contínuo sem qualquer mensagem. Com um rádio ligado fora de sintonia, com um ruído de fundo e algumas descargas, nos avisando de que estamos, claro, numa certa comunicação com algo, mas não nos permitindo ficar sabendo de nada (Eco, 1984: 225).

Eis a tragédia dos textos de hoje – falo especificamente dos textos publicados em editoriais de esportes, mas o drama pode ser estendido a muitos outros espaços: como assinala Eco, a falação torna-se assim o discurso fático tornado fim em si mesmo: mas a falação esportiva é algo a mais, um discurso fático contínuo.

Alguns tentam sair desse sistema de clichês. É o caso da estratégia da Folha de S. Paulo de investir em estatísticas e gráficos (o jogador que mais dribla, o que dá mais passes, a equipe que mais faz gols de fora da área etc). Não deixa de ser uma tentativa de tentar fugir do reino dos clichês – mas acabou sendo e é – uma compilação de dados técnicos que torna-se, ela mesma, uma camisa-de-força em forma de infográficos – em síntese, um novo clichê.

O jornalista Paulo Vinicius Coelho dá uma pista para um ingrediente que falta nessa história toda. Ele se refere não propriamente a matérias e reportagens, mas a artigos opinativos, crônicas e colunas. Coelho lembra que, por seus feitos na Copa do Mundo de 2002, e mesmo um pouco antes, o jogador Ronaldo recebeu o apelido de “Fenômeno” e foi extremamente elogiado. “Mas ninguém escreveu uma única crônica sobre a incrível proeza de Ronaldo. Toda a imprensa estampou os feitos do Fenômeno, em relatos repletos de... realidade! Realidade demais para história tão irreal” (Coelho, 2003: 22). Nos relatos sobre o tetra e sobre o pentacampeonato faltou a dramaticidade que sobrava nas coberturas das campanhas de 1958, 1962 e 1970. Na opinião de Coelho, talvez tenha faltado simplesmente Nelson Rodrigues. O jornalista afirma também que é preciso “fazer do diário de esportes um exercício constante de criação. A única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte” (2003: 115).

Ser criativo, fazer um jornalismo esportivo que vá além do jornalismo esportivo: para fugir do reino dos clichês, a saída talvez esteja em encará-lo como um espaço de rearticulação de discursos: soltar as amarras dos textos, colocar paixão sem abdicar dos rigores da informação. Procurar fora do esporte, do futebol, diferentes modelos de criação. Beber na fonte, por exemplo, do escritor francês Raymond Queneau, que escreveu *Exercícios de Estilo*. Seu tradutor no Brasil, Luiz Resende, conta que, ao ouvir as fugas de Bach em concerto, lá pelos anos 30 [do século 20], Queneau teve a idéia de criar um equivalente literário, constituído por uma série de variações em torno de um tema bem simples. Em 1948, esses exercícios de estilo foram publicados pela primeira vez em forma de livro. É um livro que vale a pena conhecer. Queneau parte do seguinte modelo:

ANOTAÇÃO

No ônibus S, em hora de aperto. Um cara de uns 26 anos, chapéu mole com cordão em vez de fita, pescoço comprido demais, como se tivesse sido esticado. Sobe e desce gente. o cara discute com o vizinho. Acha que é espremido quando passam.

Tom choramingas, jeito de pirraça. Mal vê um lugar vago, corre para se aboletar.

Duas horas depois, vejo o mesmo cara pelo Paço de Roma, defronte à estação São Lázaro. Lá vai com outro que diz: “Você devia pôr mais um botão no sobretudo”. Mostra onde (no decote) e como (para fechar). (Queneau, 1995: 19).

E, a partir desse parâmetro, cria quase uma centena de variações, como, por exemplo: *Hesitações*: “Onde foi, não sei muito bem...”; *Precisões*: “Às 12:17 min, num ônibus da linha S com 10 m de comprimento...”; *Versão oficial*: “Tenho a honra de informar V. S^a. dos seguintes fatos, que pude testemunhar tão imparcial quanto horrorizadamente” (respectivamente pgs. 30, 31 e 41).

Cito aqui este livro de Queneau porque penso que o investimento a longo prazo, para reverter o quadro atual de plethora de clichês, deve ser feito não de forma especializada, mas abrangente, reformulando quadros de disciplina, projetos pedagógicos, enfim, todos os mecanismos que existem para formar (colocar numa fôrma?) os alunos. É preciso fazer chegar ao estudante textos novos, colocar os alunos em contato com realidades diferentes.

Sem querer ser cabotino, reproduzo aqui um texto que escrevi logo após a primeira partida da final do Campeonato Brasileiro de 1998, “Jogo poderia ser um filme de Coppola”:

A história de certos jogos de futebol parece ser dirigida por cineastas. Há partidas épicas, como Spartacus, dirigidas por Stanley Kubrick. Outras engraçadas, cheias de trombadas e lances bizarros, ao estilo das comédias dos irmãos Marx. Existem as melancólicas, com predominância de ações interiores, como se estivessem sob o comando de Bergman. E outras, cheias de efeitos especiais e curvas de efeito, sob os créditos de Spielberg.

O confronto de ontem, entre Cruzeiro e Corinthians, bem que poderia ter como diretor Francis Ford Coppola. Não era nenhum imbróglgio mafioso, apesar de uma das torcidas ser a Máfia Azul; nem era uma guerra insana, à Apocalipse Now. Mas tinha todos os ingredientes de um filme do diretor norte-americano: inteligência,

atores bem dirigidos, seqüências de tirar o fôlego, pompa e circunstância no espetáculo dos torcedores.

O filme, quer dizer, o jogo, começou nervoso. O gol de Muller, no final do primeiro tempo, e o de Valdo, cobrando falta, em câmera lenta, foram cenas inesquecíveis. Mas eis que um ator coadjuvante – Dinei – roubou a festa dos mineiros. O atacante, que entrara no segundo tempo, diminuiu e, em seguida, cruzou para Marcelinho completar de cabeça.

Desde que marcou um gol de pênalti, na vitória sobre a Portuguesa, por 3 a 1, em BH, o atacante cruzeirense Fábio Júnior anda inibido. Não foi diferente ontem no Mineirão. Vale registrar a boa atuação do lateral-direito Ronaldo e do meia Valdo. Além, é claro, do goleiro Dida, o melhor atualmente no Brasil.

O empate pode ter frustrado os torcedores-espectadores que acreditavam na vitória para ter mais tranquilidade nas partidas restantes. Porém, a segunda parte dessa trilogia continua no próximo domingo, em São Paulo. E, a julgar por esse primeiro movimento, deve merecer cinco estrelas azuis no ponto final.

Nos filmes de Coppola, muita coisa acontece. Até mesmo uma equipe conseguir um título inédito no Brasileirão (Marques, 1998).

Esse texto (anterior a conquista do título de campeão brasileiro, em 2003) era uma tentativa de colocar em prática tudo o que tenho dito aqui, ou seja, fazer do texto jornalístico um espaço de rearticulação de linguagens – no caso, aproximar jornalismo e cinema –, abrir as portas da percepção de que o modelo atual está esgotado. Por isso, a avaliação precisa de Tognoli deve servir de reflexão para todos os que se aventuram pelos caminhos da linguagem:

Numa sociedade cada vez mais regida pela prestação de serviços, pela eficácia, pelos serviços de internet, o aluno também recebe, cada vez mais, reforços de que um jornalismo de serviços, funcionalista, é o mais bem aceito pelo mercado, e que, portanto, se o mercado o requer, mais reforços temos de que o que fala o mercado é o que fala a voz da realidade. Como vamos produzir comunicadores sem um aparato crítico suficiente para traduzir as maquinações do discurso político, por exemplo? Prepararmos um profissional “de mercado” pode trazer obviamente o erro de um profissional feito unicamente “para o mercado”, para atender à demanda de um funcionalismo que tudo requer, menos a razão crítica e a análise dos dados que esse mercado de informações tão diligentemente divulga (Tognoli, 2001: 28)

NOTAS

- ¹ A. de Waelhes nos diz que a mais-valia da linguagem é evocar uma coisa por intermédio de um substituto que não é essa coisa, evocar sua presença sobre um fundo de ausência (Tognoli, 2001: 64).
- ² Esses trechos foram extraídos de textos dos seguintes jornais, respectivamente: *Jornal do Brasil* (pgs. C2 e C3) e *Hoje em Dia* (p. 15), de 1º de maio de 2004, sábado; e a edição dominical do dia seguinte do Estado de Minas (p. 35), da Folha de S. Paulo (p. D4) e do Estado de S. Paulo (p. D1).
- ³ O linguísta russo Roman Jakobson delimitou seis funções da linguagem: referencial, emotiva, conativa, poética, metalingüística e fática. Essa última seria justamente utilizada para iniciar ou concluir um diálogo, para “testar o canal”, para verificar se o receptor e o emissor da mensagem estão em sintonia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.
- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade (trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MARQUES, Fabrício. Clichê do clichê. *Belo Horizonte: Diário da Tarde*, 27 de fevereiro de 1997.
- MARQUES, Fabrício. *Jogo poderia ser um filme de Coppola*. *Belo Horizonte: O Tempo*, 14 de dezembro de 1998
- QUENEAU, Raymond. *Exercícios de estilo*. Luiz Resende (trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- TOGNOLLI, Cláudio. *A sociedade dos chavões – presença e função do lugar-comum na comunicação*. São Paulo: Escrituras, 2001